

O Bumba-Meu-Boi do Piauí:

poesia afro-brasileira, cantigas, gênese, memórias e narrativas de fundação do Boi de Né Preto de Floriano Piauí.

Elio Ferreira¹

Resumo: Neste trabalho, conto as memórias da minha infância, relacionadas ao Boi de Né Preto, em Floriano, Estado do Piauí. Falo da gênese do Bumba-meu-boi e suas façanhas, dos relatos de testemunho de Seu Né Preto sobre o Boi-de-fogo. Percorro os locais de trabalho, a casa, a sala, a cozinha, o terreiro, o quintal da comunidade dos “brincantes” do Boi de Né Preto da cidade de Floriano, no Piauí. Esses “brincantes” eram formados, na sua maioria, pelas “fateiras”, mulheres que limpavam e comercializavam as vísceras do boi, e pelos homens que trabalhavam no matadouro, no abate do gado bovino. Essas atividades representavam a economia e o trabalho do grupo, traduzidas na construção da identidade negra. Costumamos dizer nas rodas de conversa, que o Boi de brincadeira nasceu mesmo no Piauí. Tal especulação pode ser fundamentada a partir da formação de uma estrutura econômica baseada na cultura do boi, na mão de obra escrava, na história e narrativas míticas da cultura popular deste Estado, cujas terras e pastagens durante a colonização, já na segunda metade do século XVII e na primeira metade do século XVIII, deram lugar ao maior e primeiro grande centro criatório de bovinos do Brasil. A história econômica e social, a memória oral, as narrativas, as lendas e mitos de fundação de origem negra e indígena relacionados à cultura do boi apontam para esse fato de que o Bumba-meu-boi tem sua gênese no Piauí e daqui o auto pastoril teria migrado para o Maranhão, Pará e outras regiões do Brasil.

Palavras-chave: Bumba-meu-boi do Piauí; Boi de Né Preto; Gênese; Narrativas de Fundação; Poesia afro-brasileira.

Abstract: In this work, I tell the memories of my childhood, related to the Ox of Né Preto, in Floriano, State of Piauí. I speak of the genesis of Bumba-meu-boi and his exploits, of his narratives of testimony of Né Preto about the Ox of fire. I go to the workplaces, the house, the living room, the kitchen, the yard, the backyard of the revellers of the Boi de Né Preto of the city of Floriano, in Piauí. These revellers were mostly made up of the "fateiras", women who cleaned and marketed the viscera of the ox, and the men who worked in the slaughterhouse, in the slaughter of cattle. These activities represented the economy and the work of the group,

¹Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE; Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro – NEPA/UESPI; Professor da Graduação em Letras e do Mestrado Acadêmico em Letras da UESPI.

translated in the construction of the black identity. We often say on the wheels of conversation that the Bumba-meu-boi was born even in Piauí. Such speculation can be based on the formation of an economic structure based on the culture of the ox, the slave labor, the history and mythical narratives of the popular culture of this State, whose lands and pastures during the colonization, in the second half of the century XVII and in the first half of the eighteenth century, gave place to the largest and first large cattle breeding center in Brazil. The economic and social history, the oral memory, the narratives, the legends and myths of foundation of black and indigenous origin related to the culture of the ox point to this fact that Bumba-meu-boi has its genesis in Piauí and hence the auto pastoril would have migrated to Maranhão, Pará and other regions of Brazil.

Keywords: Bumba-meu-boi do Piauí. Ox of Black Né. Genesis. Foundation Narratives. Afro-Brazilian poetry.

BUM BUM BUM

“Bum bum bum
bum rum bum bum...”

Lá vem “Mateus”
lá vem “Bastião”
pulando na frente
com “bexiga” na mão

“Bum bum bum
bum rum bum bum”

Lá vem o cavalo marinho
e o “Sinhô Capitão”...
“Cavalo marinho
anda pra “diente”
faz uma mistura
pra toda essa gente”

“Bum bum bum
bum rum bum bum”

Lá vem o cavalo
e o boi bumbá
“Cavalo do mar.
que vem cá buscar
menina bonita
pra vadiar...”
“Ei bum ei bumbá

menina bonita
Para vadiar”

Bum bum bum
bum rum bum bum”

Lá vem sinhá Joana
lá vem o zabumba

Bum bum bum
bum rum bum bum

“O meu boi morreu,
Que será de mim
Manda buscar outro ó maninha
Lá no Piauí.”

que saudade que eu tenho Ó
do meu bonito boi bumbá
(TRINDADE, 1961, p. 124-5).

O poeta afro-brasileiro Solano Trindade agencia à memória poética canções, performances e danças dramáticas da cultura popular do Nordeste, como o candomblé, a capoeira, o bumba-meu-boi, o coco, o maracatu, o pastoril e outras manifestações culturais de origem negra. Na perspectiva do *griot* africano, *blusmen*, mestres de cerimônias e poetas negros das Américas, o trovador recorre ao refrão para compor a base rítmica do poema, intitulado “Bum bum bum”, que reproduz a batida de zabumbas ou “bexigas de boi cheio de ar” (Borba Filho, 1982, p.9), cujas palavras do refrão são desobrigadas de significação verbal. Coincidentemente, o *bluesman* afro-norte-americano John Lee Hooker reproduz sons similares a estes no refrão de uma das suas canções “Boom Boom”. Nesse sentido, reportando-se ao poema de Solano, o ritmo indica a ação dramática protagonizada pelos personagens do bumba-meu-boi pernambucano.

Costumamos dizer nas rodas de conversa sobre Bumba-meu-boi e cultura popular que o Boi de brincadeira nasceu mesmo no Piauí. Tal especulação pode ser fundamentada a partir da formação de uma estrutura econômica baseada na cultura do boi, na mão de obra escrava, na história e narrativas míticas da cultura popular deste Estado, cujas terras e pastagens durante a colonização, já na segunda metade do século XVII, deram lugar ao maior e primeiro

grande centro criatório de bovinos do Brasil. Assim, a história econômica e social, a memória oral, as narrativas, as lendas e mitos de fundação de origem negra e indígena relacionados à cultura do boi apontam para esse fato de que o Bumba-meu-boi nascera no Piauí e daqui o auto pastoril teria migrado para o Maranhão, Pará e outras regiões do Brasil. Contudo, isso não anula o fato de que o Boi de cada região tenha adquirido características próprias e recebido influências de outras culturas ou mesmo se originado diretamente da cultura europeia, como afirmam alguns pesquisadores acerca da origem do Boi-de-mamão de Santa Catarina, que negam a presença de elementos do Boi do Nordeste no folguedo catarinense (Cascudo, 2001, p.71-2). Desse modo, o Boi apresenta suas variações conforme o lugar, como o Bumba-meu-boi do Piauí e Pernambuco, o Bumba-boi do Maranhão, Boi-surubi do Ceará, o Boi-calemba do Rio Grande do Norte, o Bumba da Paraíba, o Boi-bumbá do Pará e Amazonas, o Bumba-de-reis do Espírito Santo, o Boi-de-mamão de Santa Catarina, o Boizinho do Rio Grande do Sul e outros.

Na penúltima estrofe do poema citado acima, Solano Trindade remete à memória oral, ao canto de fundação do Bumba-meu-boi que evoca a gênese do folguedo através da referência ao mito e à história da econômica do boi no Piauí. Reportando-se à leitura da mesma cantiga do folclore nordestino, Hermilo Borba Filho sentencia que “Pereira da Costa imaginou que a origem do auto teria tido lugar por ocasião da colonização das terras do Piauí, em fins do século XVII, com as primeiras doações de terras em sesmarias feitas pelo Governador de Pernambuco. Achando ainda mais que o espetáculo deveria ser de origem pernambucana” [ou seja, oriundo das terras piauienses antes pertencentes a Pernambuco] (1982, p.5). Borba Filho acrescenta que a “tese não se sustenta” (idem, p.6). Contudo, somos favoráveis à visão de Pereira da Costa. Os argumentos do folclorista e professor piauiense Noé Mendes são condescendentes à nossa opinião:

O certo é que nosso Boi se originou aqui mesmo no Nordeste, uma região colonizada através das fazendas de gado, onde o boi era o centro da sobrevivência local. E o Piauí é o estado onde esse relacionamento tornou-se mais íntimo. Daí a brincadeira estar revestida de tanta popularidade, de tanta pompa e colorido. O boi, para nós, não é apenas um animal importante como outro qualquer, mas está revestido de uma profunda significação mítica (1999, p. 56).

O Bumba-meu-boi é uma criação do negro cativo, que representou a mão de obra responsável pela criação dos rebanhos bovinos nas fazendas do Piauí colônia. O Bumba reúne raiz múltipla na formação do mito, do auto pastoril composto de elementos de culturas africana, indígena e europeia, com a predominância das culturas do negro e do índio. Considerando a releitura de Deleuze e Guattari, feita pelo afro-martinicano Édouard Glissant, dir-se-ia tratar de uma cultura de rizoma (2005). Assim, a história da colonização aponta para a origem do Bumba-meu-boi no Piauí, embora esse folguedo apresente pontos de entrecruzamento com as “velhas farsas populares que vêm desde a *commedia dell’arte* às pantomimas de circo” (Borba Filho, 1982, p.5), com o boi Ápis do Egito e outras danças e cantos dramáticos da tradição popular originária da cultura africana, que também assimilou elementos das culturas indígena e ibérica. O fato é que o Piauí “chegou a reter os mais ricos rebanhos de todo o império colonial português na América” (Bastos, 1994, p.433). Certamente, a economia abrigou a gênese do Boi de brincadeira neste espaço povoado pelo autóctone e repovoado pelo negro e o europeu. Na segunda metade do século XVII, com as doações de terras em sesmarias pelo Governo de Pernambuco, fundaram-se, em 1674, as primeiras fazendas do Nordeste no Piauí, tendo por eixo as cidades, hoje, de Floriano e Oeiras (Pôrto, s.d., p.143). Assim, o Boi de São João é a representação simbólica da história, economia, cultura, etnia e da formação social do Piauí. O Estado apoiava suas bases econômicas na pecuária: a carne e o couro bovinos. Nesse cenário, a presença do vaqueiro foi decisiva para que as fazendas prosperassem. Esta classe de trabalhador era, na sua grande maioria, de mulatos e negros escravizados. Foi a chamada “civilização do couro” (idem, p.139). Isso seria motivo de orgulho, se a expansão e prosperidade das fazendas não estivessem diretamente relacionadas à exploração da mão-de-obra escrava do negro e à dizimação das nações indígenas do Piauí:

Acroá, Tremembé, Gueguê, Timbira, Jaicó, Tabajara e Pimenteira” que habitavam o território piauiense, aproximadamente 316 mil índios. (MACHADO, 2002, p. 24-25).

O Boi é a mais forte expressão da cultura popular do Piauí. Vivi minha infância ouvindo as apresentações do “Boi de Né Preto”. Era a grande festa da cidade de Floriano, a de

maior recepção, equiparando-se ao carnaval de rua, que sempre tivera uma forte tradição na cidade. No dia da morte do Boi, a cidade comparecia em peso, vestia-se a melhor roupa, moças e rapazes se enamoravam. Era no mês de junho, por isso, supõe-se, Boi de São João. O Boi se apresentava nas casas. Ele sempre visitava a minha casa. Meus pais eram grandes apreciadores das festas populares. Na cidade também tinha o Boi de Reisado, que também costumava cantar na minha casa, mas este era outro tipo de folguedo com seus personagens lendários e do mundo real, como lobisomem, jaraguá, careta, burrinha, etc. O Bumba-meu-boi de Né Preto era diferente. Tinha personagens como Boi, Chico ou Careta, Catirina, Amo ou Mestre, Vaqueiros, Caboclos. Os meninos ficavam encantados, enfeitiçados e ao mesmo tempo temerosos ante a presença e as façanhas do Boi. Durante a apresentação, meninos e meninas se mantinham colados ao corpo dos pais. Minha casa ficava mais ou menos à distância de trezentos metros da casa de “seu Né Preto”, o dono e Amo do Boi Jardineiro, numa rua acima, paralela à minha. Nós, os meninos da minha rua, também improvisávamos o nosso Boi. Às vezes me surpreendo cantarolando canções essas do cancioneiro popular, como a canção do Boi de Né Preto da cidade de Floriano, transcrita abaixo, também cantada por outros Bumba-meu-boi do Piauí, como a toada, em forma estrutural de quadra, repetidas enfaticamente durante o canto ou apresentações:

O couro do meu Boi,
No salão alumeia,
Ô, no salão, ele brilha,
Ô, no sereno qui'lareia.

E ainda a cantiga de chegada, composta de duas quadras ou duas estrofes de quatro versos:

Morena bela,
Mandô me chamá.
Eu venho chegando agora,
Com meu pessoá.

Ô abre a porta,
Acende a luz,
Barre o terrêro

Pro meu boi brincar.

E outra toada como a seguinte:

Chegô, chegô
Chegô eu vi chegá
Se a dona da casa
Barre o terrêro
Pro meu Boi balançar.

Se a dona da casa
Barre o terrêro
Com bassôra de argudão,
Qui a barra do Boi é branca
Num pode arrastá no chão.
(Citados por FERREIRA, 2004, 2013)

Há pouco pude presenciar a execução das duas primeiras canções pelo Boi Imperador da Ilha, do Sr. Raimundo Araújo, do bairro Monte Castelo em Teresina. Desse modo, retomando as lembranças de infância, o Boi de Né Preto era concebido pelas crianças como um boi de carne e osso, um boi de verdade e mandingueiro. As fronteiras entre o imaginário/mítico e o real se desfaziam. O Boi fugia, não queria morrer e era perseguido de perto. O vaqueiro tinha que ser um homem de resistência física para ir ao encalço do Boi, do mesmo modo que um vaqueiro de verdade tem de perseguir o boi no meio da caatinga, montado no seu cavalo. Né Preto argumentava para mim e para o poeta William Melo Soares e outros presentes, debaixo de um pé de algaroba, defronte à sua casa humilde, no Bairro Caixa D'água, na periferia de Floriano. Sua narrativa me arrastava para as imagens da minha infância. Era nas primeiras horas da tarde de domingo. Dia da Morte do Boi. As janelas e calçadas apinhadas de gente. Eu olhando da janela, corria para calçada da minha casa depois que o Boi passava em disparada, como uma bala e o vaqueiro no seu encalço. O Boi subia a rua do Ouro na direção do bairro Viazul, depois Terra Preta, Apertar da Hora e talvez Amparo, fugindo do vaticínio que o aguardava às seis horas da tarde no mourão do Matadouro:

O Boi num quer morrer. Quem é que quer morrer? Então ele se esconde, e o vaqueiro corre estreito. Nesse dia o Boi se escondeu e nós aqui procurando o Boi por toda parte e ele escondido lá no bairro Manguinha. Eu fiquei

danado: o povão todo esperando pela morte do Boi, e ele num aparecia. Nesse dia, eu xinguei todo mundo, xinguei Miolo, Vaqueiro, Catirina, só não me bateram porque não quiseram. Só matemos o Boi dois dias depois (FERREIRA E SOARES, 1988, p. 13).

O espetáculo da morte do Boi era no matadouro público. O Boi era preso ao laço e amarrado ao mourão. Antes de ser dominado, o Bumba tentava escalar as toras ou linhas de carnaúba, que formavam a parede do curral. A meninada gritava cheia de emoção. Lá no fundo do meu coração, desejava que ele escapasse de uma vez por toda e continuasse cantando nas casas o ano todo. Mas isso nunca acontecia. O arraial do Boi era à noite, na época dos festejos de São João, no mês de junho e a morte era oito de julho, data do aniversário da cidade. A festa transcorria num largo de areia branca, mais amplo do que um campo de futebol, nas proximidades do antigo matadouro de Floriano, à distância de alguns quarteirões da minha casa, onde posteriormente foram construídos o Colégio Estadual Osvaldo da Costa e Silva, o Grupo Escolar Fauzer Bucar, uma praça, uma quadra de esporte e áreas adjacentes.

Em 1987, esse Boi de pandeirão, matraca e maracá, do qual as mulheres também tomam parte, retornava às atividades graças aos esforços de alguns voluntários da cidade, depois de permanecer desativado durante quatro anos por falta de recursos financeiros, pois os brincantes do Boi se encontravam mais pobres ou desestimulados a comprar sua própria indumentária luxuosa que custa um preço elevado. Naquele ano, Né Preto completava sessenta e seis anos de brincadeira naquele Boi, que fora popularizado como “Boi de Né Preto” e lembrava:

O boi era do finado Alarico, um cabra moreno, um cabra bom. Eu e um cunhado dele, que era o miolo, brincava debaixo do boi, eu era o vaqueiro, o guia. Um dia ele me chamou na casa dele, eu e o Doca, que era cunhado dele, ele tava doente e disse: “Né Preto, você ou o Doca vai tomar conta do boi, porque dessa vez eu não escapo.” Eu falei: ”Rapaz, num diga isso!...” O Doca disse que num queria porque não sabia fazer. Eu disse: “Eu fico. Num sei fazer bom, mas faço.” Ele falou: “Então você fica com os trens, o Doca fica sendo o miolo” [o que brinca debaixo do boi]. Depois o Doca se mudou para Teresina, eu arranjei outro miolo e fiquei sessenta e seis anos fazendo boi (FERREIRA E SOARES, 1988, p.11-12).

A narração de Né Preto revela a tradição quase secular do Boi de Floriano, provavelmente de 1910. Né Preto recebeu o Boi de “Alarico”, que também já vinha brincando no Boi há algumas décadas. O Boi viera de Oeiras, antiga capital do Piauí. Ali certamente, existiram muitos outros antes deste. O documento mais antigo, de que se tem notícia a tratar sobre o Bumba-meu-boi, é o do jornal “O Capuceiro”, de 11/01/1840, escrito por Lopes da Gama, intitulado “A Estultice do Bumba-meu-Boi” (Filho, 1982, p.6). É provável que o Boi do Maranhão tenha surgido após a introdução da atividade extensiva do pastoreio de gado bovino nessa Província, que teria ocorrido “durante a revolta da Balaiada” (1938-1941) (Bueno, 2001, p.29). A conhecida narrativa de fundação do Boi do Piauí conta que o Pai Francisco, um escravo negro, matou o boi do patrão para satisfazer a esposa grávida que desejou comer a língua do boi. O Sr. Raimundo Araújo, Amo do Imperador da Ilha de Teresina, fundado em 1934, conta que “O Bumba-meu-boi nasceu em Oeiras. Quem fez a brincadeira do Bumba-meu-boi foram os índios e numa caveira. Eles encontraram uma caveira de boi e botaram num pau e ficaram brincando. Inclusive é por isso, que a gente usa aquelas penas” (2005, entrevista), indicando os caboclos de pena e caboclo, personagens do Boi do Piauí. Na memória das pessoas mais velhas de Floriano preserva-se ainda um boi rústico, antigo: o Boi-de-fogo, recuperado na narrativa memorialista de Né Preto:

Só se via aquelas tochas de fogo. Era cada bambu desse tamanho! [...]. A gente vestido em dois sacos de estopa molhada e coberta com tabatinga, mesmo assim os alfinetes ainda furavam o coro da gente. “É fogo, é fogo/É fogo na cidade/E os caixeiros/Tão quebrado”. Quando dissemos “os caixeiros tão quebrado”, o pau comeu duro! E eu ali por debaixo da roupa do finado Zé Duque, um negão alto, que era aciador. Eu fiquei por baixo da roupa dele, uma fumaça! E o pau comendo (FERREIRA E SOARES, p.10-11).

Solano incorpora ao poema, os versos do folclore popular nordestino: “O meu boi morreu/ que será de mim? Manda buscar outro, / ó maninha, / lá no Piauí”. Essa canção pastoril se transformara numa marcha carnavalesca que se tornou grande sucesso em todo o Brasil dos anos 50, gravada pelo maestro carioca Luís Moreira. No entanto, o historiador piauiense José Bezerra me contou também que a cantiga se originou aqui mesmo no Nordeste. Antes fora uma toada, “um canto triste cantado por retirantes cearenses que fugiam da seca e

buscavam no [sul do] Piauí a terra da promessa”, terras com muitos rios, pastagens e grandes rebanhos de gado.

Não desejo fechar a questão quanto à origem do Bumba-meu-boi nesses poucos parágrafos. Não seria capaz de tamanha desmedida. Pois, o assunto requer mais acuidade e reflexão. No entanto, pretendo esclarecer alguns pontos e evocar uma discussão em torno da origem e da importância desse folguedo, que durante alguns anos foi negligenciado pela população e os governos do Piauí. Isso foi provavelmente um dos pontos cruciais que gerou todo esse silêncio mau pressagiador e nos fez perder a antiga referência nacional do Boi do Piauí, indicado pela canção de domínio público, dando lugar ao merecido valor pela beleza e pujança dos espetáculos do Boi do Maranhão e do “Boi de Parintins”, celebrados pela mídia nacional.

Qual o significado da memória e da identidade cultural para os negros das Américas? Para responder à essa questão, outra vez tenho de me reportar ao Bumba-meu-boi da minha infância, o Boi de Né Preto. O Boi de pandeirão, matraca e maracá do meu bairro. O Boi do Piauí que migrou para o Maranhão, Pará e outros lugares do Brasil. Essa transferência deve ter acontecido em consequência da migração de vários trabalhadores cativos e vaqueiros das antigas fazendas do Piauí para o Maranhão, na época da implantação das primeiras fazendas de gado no território maranhense, ocorrida na primeira metade do século XIX. Tal fato contrariou a vontade da maioria desses homens, mulheres e crianças escravizados, que foram forçados a migrar com o objetivo de povoar as fazendas do estado vizinho e cuidar do rebanho bovino e cavalar. Acerca desse tráfico interno da mão-de-obra escrava, Solimar Lima afirma que,

... em 1820, por exemplo, foram solicitados ‘25 casais’ para o Maranhão. A notícia da partida parecia trazer dias de desespero para os afrodescendentes (LIMA, 2005, p.53).

Essa relação entre o Bumba-meu-boi e a comunidade negra trabalhadora/escravizada, fica clara também quando me refiro à história do Boi de Né Preto de Floriano, Piauí. Nesse boi a maioria de seus “brincantes” eram pessoas do povo que trabalhavam no abate de

bovinos. Esses trabalhadores eram majoritariamente homens, mulheres e crianças que moravam num bairro negro da cidade de Florianópolis, à distância de quatro ruas do meu bairro. No Matadouro Público, o abate dos bois ficava sob a responsabilidade dos homens, realizado num grande galpão com cobertura de telha e piso de cimento liso. Né Preto era o mais velho daqueles homens e exercia sua liderança sobre o grupo. Ao seu lado, estava Cum, Mundico Capivara, Guilhermão e outros nomes que me fogem à memória. O boi era preso ao laço e amarrado ao mourão. Diziam que o boi manso chorava, corria-lhe um fio de lágrimas no canto dos olhos. Um dia me aproximei de um desses animais prestes ao sacrifício e fui surpreendido - na verdade, o boi chorava. O boi bravo empacava, arremetia-se contra o inimigo. Nessas horas, chamavam Guilhermão, um homem corpulento, forte como gigante. Paulão, um amigo de infância do meu bairro, lembra que foi “segurão” de boi no mesmo matadouro, ou seja, segurava a corda que subjugava o animal. Ele conta que Guilhermão, com a mão direita, prendia um dos cornos do boi e pedia a ele, o segurão – “Paulo, o machado!”. Às vezes era impossível atender ao pedido. E Paulão respondia apreensivo – “Seu Guilherme, estou segurando o boi!”. Então, com o punho esquerdo, Guilhermão desferia um murro na nuca do boi que caía por terra, agonizante. Em seguida, sangrava o animal. Era um espetáculo trágico, mas admirável e emocionante para a maioria das pessoas presentes.

Depois de abatidos, os animais eram limpos e transportados para o Mercado Público. A cabeça, as patas e as vísceras eram levadas à casa das “fateiras”. No quintal dessas residências, as vísceras eram limpas, tratadas. Em seguida, eram vendidas em pequenas bancas no mercado e também na própria casa desses “brincantes” do Boi de Né Preto. Daí porque a Rua Manuel Lapa, situada no Bairro Curador, há algumas décadas era popularmente conhecida como Rua do Fato. Ali e nas proximidades, morava a maioria dos brincantes do Boi. Entre meados da década de 80 aos anos 90, todas as noites, o Boi de Né Preto - o antigo Jardineiro, já com outro nome, se reunia no seio dessa comunidade, no quintal da casa dos responsáveis pela organização do Boi, os irmãos Pedro Antônio e Antônio Cafuçu, acompanhados de suas respectivas esposas, dona Teresa e dona Maria de Fátima.

Essa imagem do velho contador de histórias, do criador de passarinhos, do hábil artesão, do *griot*, do prolífero autor de cantigas do bumba, que fora Né Preto e do seu Boi

Jardineiro, é algo inapagável da minha memória de menino da Rua do Ouro, que também fora encantado por aquele mundo em que a realidade se confundia com a fantasia, o mágico e o maravilhoso, como neste poema de minha lavra que se transformara em samba enredo da escola de samba Mangueira, da cidade de Floriano, no Estado do Piauí, no início da década de 1990.

NÉ PRETO

Seu Né Preto
espere por mim
com banhos de alecrim
com histórias de Trancoso
com cantigas de passarinho
com sete gerações bumba-meu-boi
no terreiro
não era gente debaixo não
era boi mesmo
e cheio de artimanhas.

Seu Né Preto
me ensine
a fazer uma gaiola
um papagaio de papel
um carrinho de buriti
e o caminho daquela serra
onde se caçava alecrim.

Seu Né Preto
me deixe brincar
na roda de São Benedito
na roda de São Gonçalo
no bumba-meu-boi
boi bumbá
eita, boi Jardineiro!
eita, boi mandingueiro!

Seu Né Preto,
pouco se espera dos quintais
sem o canto do bem-te-vi
sabiás e pardais
urubus sobre a cerca de candeia
galinhas ciscando o monturo
e o cocoricóóó de um galo de
Calcutá
amanhecendo o girassol amarelo,

amarelo
a manhã amarela de céu azul, azul
no bairro Caixa-d'água
da minha pequena cidade.
(FERREIRA, 2004, 2014)

Do mesmo modo, na África pré-escravista, os ritos religiosos, os cantos e as manifestações culturais populares estavam também associados ao trabalho, às atividades econômicas da sociedade tribal. Os ritos de cerimônias relacionados ao boi eram também celebrados na África e, indubitavelmente, foram trazidos pelos cativos africanos originários de sociedades pastoris (Lopes, 1988, p.163-4). Transplantados para o Brasil, esses antigos ritos foram recriados nas fazendas do Piauí, misturando-se também às culturas indígenas e europeias. Isso deu origem ao auto-pastoril do Bumba-meu-boi. Assim, o “Boi de brincadeira” foi criado nas povoações do sul do Piauí, por volta do final do século XVII, pelos trabalhadores escravizados que cuidaram das primeiras fazendas de criação de gado nas terras piauienses. Nesse contexto, o mito de fundação do Bumba-meu-boi nos remete à história de “Catirina”, que deseja comer a língua do boi mais formoso da fazenda do patrão. Chico, o vaqueiro, atende ao desejo da esposa grávida e mata o boi. A partir desse episódio se desencadeia a ação dramática do auto popular. Essa relação da arte, trabalho, economia e sua função social é um elemento que caracteriza as sociedades tribais da África, transculturadas para a América.

O Sr. Raimundo Araújo, mestre do Bumba-meu-boi “Imperador da Ilha” do bairro Monte Castelo de Teresina, Piauí, conta que, “um dia um índio achou uma caveira de boi e enfiou num pedaço de pau, e levou para a tribo, e começou a dançar. Os negros viram aquilo e fizeram o Bumba-meu-boi” (Depoimento de Raimundo Araújo, 2005).²² Provavelmente isso se tratava do ritual da caça ao boi pelo índio, pois com a fundação das primeiras fazendas de gado no Piauí, os autóctones passaram a caçar o boi e, conseqüentemente, os fazendeiros se empenharam ainda mais na organização de milícias para exterminar as sete nações indígenas

²²Depoimento do Sr. Raimundo Araújo (2005), Amo do bumba-meu-boi Imperador da Ilha.

do Piauí. O rito da caça ao boi deve ter estimulado a memória do escravo negro a lembrar de antigos ritos africanos, que estavam relacionados à festa do boi. Desse modo, a evocação da memória pessoal e coletiva dos negros significa uma forma de resistência contra o discurso hegemônico da cultura europeia. Tal travessia dos afrodescendentes permite um diálogo de relações do passado com o presente, configurando uma *rede de transferência* da cultura negra nas Américas.

A ideia da “Porta do Não Retorno”, de Dionne Brand, e da cultura de vestígios ou residual, de Édouard Glissant, apontam na direção da memória em abismo, do caos social, cultural e psíquico dos negros da Diáspora, iniciado com o navio negreiro, que exilou milhões de africanos nas Américas e na Europa. A travessia da “Porta” teria dado origem ao sentimento de fragmentação do Ser negro, do ser e do não ser, do sentido do pertencimento e não pertencimento a algum lugar do mundo, suscitando a ausência, o vazio irreparável do negro que vive no “entre-lugar”, nas fronteiras de dois mundos impossíveis de reconciliação para o cativo e seus descendentes. Tais perspectivas de leitura abrem os horizontes para a análise dos estudos culturais afrodescendentes. No entanto, é natural que esses conceitos não atendam a todas as visões de mundo, prerrogativas, buscas ou particularidades da Diáspora africana. Mas, como o poeta Solano Trindade nos transmite, há um alento de esperança, espiritualidade e amor: “Nem tudo está perdido irmãos / nem tudo está perdido amadas” (1961, p.90). A cultura e a memória coletiva dos povos africanos, portanto, não foram totalmente corrompidas. Elas fundamentaram a dinâmica, a mobilidade e a evolução das culturas, da religiosidade e da economia afrodescendente nas Américas.

Referências

- BORBA FILHO, Hermilo. **Apresentação do Bumba-meu-boi**. Recife: Guararapes, 1982.
BRAND, Dionne. **A Map to the Door of No Return**. Canadá: Vintage Canadá Edition, 2002.

- BUENO, André Paula. **Bumba-boi maranhense em São Paulo**. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.
- FERREIRA, Elio. Né Preto. In: **América negra & outros poemas afro-brasileiros**. São Paulo: Quilombhoje, 2014.
- FERREIRA, Elio. Poesia afro-brasileira e seus diálogos com a cultura popular da diáspora negra: gênese, memória e cantigas do Bumba-meu-boi do Piauí. In: **Literatura, história e cultura afro-brasileira e africana: memória, identidade, ensino e construções literárias**, Volume 1. Elio Ferreira; Feliciano José Bezerra Filho (organizadores). Teresina: Editora da UFPI, FUESPI, 2013.
- FERREIRA, Elio. Literatura afro-brasileira: memória e cantigas do Bumba-meu-boi do Piauí. In: **Sertão negro: escravidão e africanidades no Piauí**. Solimar Oliveira Lima (organizador), Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, 2008.
- FERREIRA, Elio. **Poesia Negra das Américas**: Solano Trindade e Langston Hughes. Recife: Tese de Doutorado em Letras/Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2006.
- FERREIRA, Elio. Né Preto. In: **América Negra**. Teresina: Abracadabra edições, 2004. p. 43-44.
- FERREIRA, Elio; SOARES, William Melo. **Né Preto**. Teresina: Corisco, 1988.
- GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- LIMA, Solimar Oliveira. **Braço forte: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí: 1822 – 1871**. Passo Fundo: UPF, 2005.
- LOPES, Nei. Enciclopédia brasileira da diáspora africana. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- MACHADO, Paulo. **As trilhas da morte**. Teresina: Corisco, 2002.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SILVA, Alberto da Costa e. **A enxada e a lança: a África antes dos portugueses**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1996.
- TRINDADE, Solano. **Cantares ao meu povo**. São Paulo: Fulgor, 1961.

Recebido em: 12 de julho 2016.

Aprovado em: 02 de fevereiro de 2017.